

693

BURACOS NOS VITRAIS DA CATEDRAL

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Uma tragédia se anuncia, vagarosamente, todo nascer do dia, no mais visitado monumento arquitetônico de Brasília. Os vitrais da Catedral estão despencando em pedaços cada vez maiores. "Será uma vergonha para a cidade. Mais dia, menos dia ela será interditada", avisa, não sem muito pesar, o monsenhor Marcony Vinícius Ferreira, pároco da igreja há dois anos.

A reportagem do *Correio Braziliense* contou, e recontou ontem pela manhã, 693 buracos nos 2,2 mil metros quadrados do painel envidraçado da igreja. Os estragos no monumento mais visitado do Distrito Federal vão de pequenas rachaduras a buracos por onde pode passar um homem adulto. "Vocês contaram 693 buracos? Amanhã serão 694, depois de amanhã, 695, todo dia cai mais um pedaço. Esses dias mesmo caiu um durante uma missa", conta o religioso. "A sorte é que eles caem dos lados, onde quase não circula ninguém". Além dos quase 700 buracos, há uma infinidade de rachaduras nos vidros. São trincaduras que mais tarde vão se transformar em buracos.

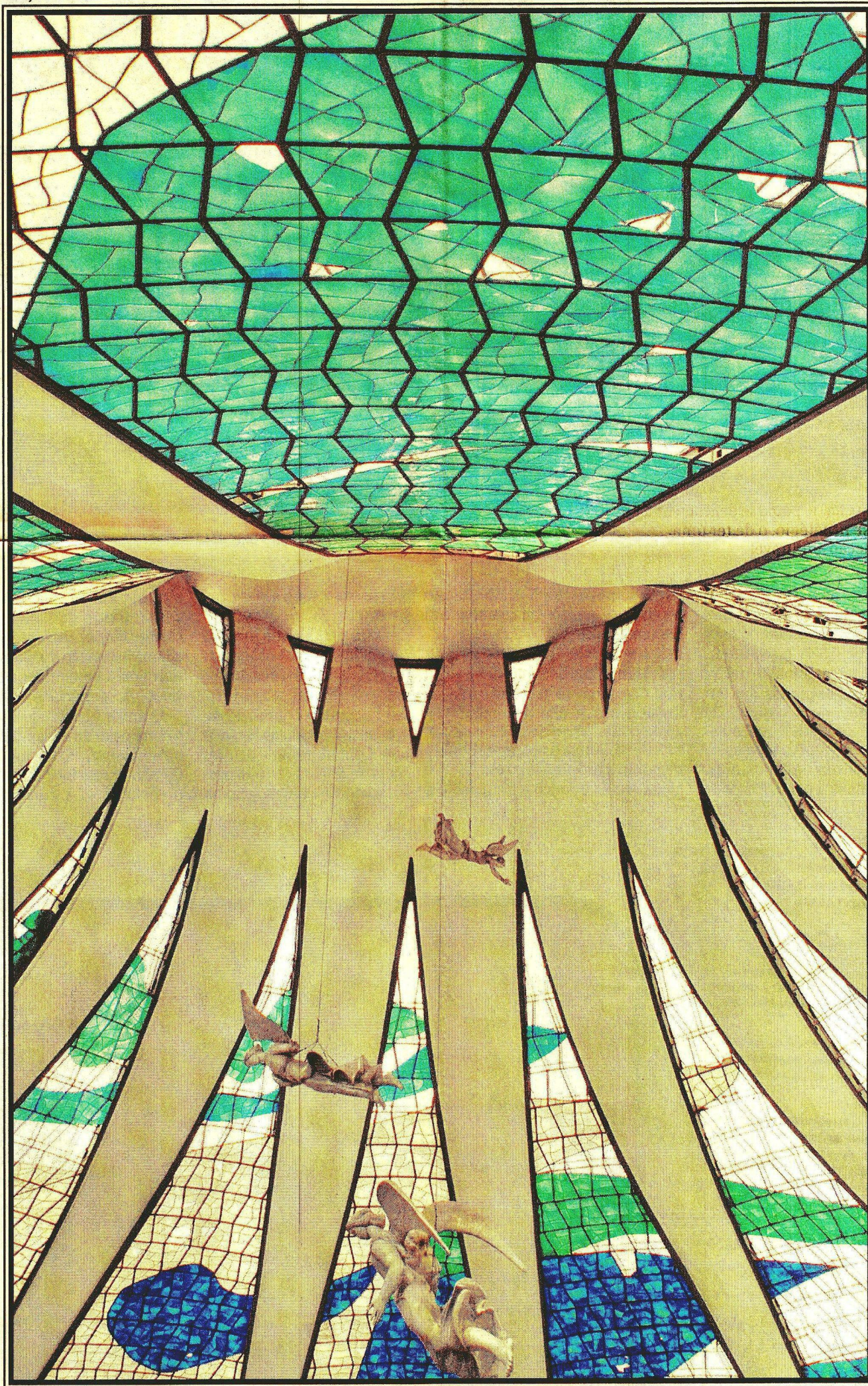
Já vêm de muito tempo as denúncias de que os vitrais da Catedral estão se decompondo. Há mais de dois anos, a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade de Campinas (Unicamp) preparam um laudo, a pedido da Fundação Banco do Brasil, sobre a situação dos vitrais. Concluíram que houve falha na escolha do grau da tempera (espessura) do vidro e que, por se tratar de um vitral atípico, numa cidade de grande variação de temperatura, não há como evitar que os vidros se partam.

Os vitrais vão do chão ao teto. São recobertos por uma capa de vidro transparente, esse sim, bastante resistente. Durante a madrugada, a temperatura pode chegar a 5 graus na parte mais alta da igreja. De dia, atinge 40 graus. A grande e abrupta variação faz com que as colunas se dilatem. Os vidros não agüentam a pressão, estalam e quebram-se. O estudo das duas universidades já encontrou a solução para impedir que o problema volte a se repetir, caso os vitrais sejam refeitos. Uma camada de silicone impedirá que eles estalem sob a variação da pressão das colunas de concreto. Em horários de sol forte, os buracos projetam um triste jogo de luz e sombra no chão da catedral de formas surpreendentes.

Acompanhado do bispo de Brasília, dom João Braz, monsenhor Marcony já bateu na porta do gabinete dos ministros da Casa Civil, José Dirceu, e da Comunicação, Luiz Gushiken em busca de socorro para reformar a igreja. Também estiveram na Petrobras e na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Em todos os lugares foram bem-recebidos, puderam expor o problema, ouvir declarações compungidas de apoio, mas saíram sem um tostão ou qualquer promessa de ajuda.

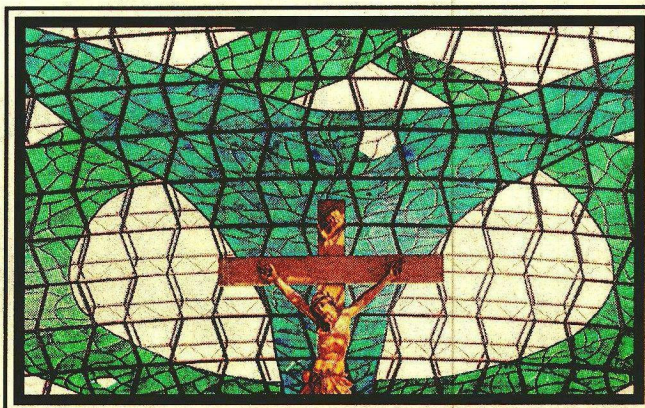
Pelos cálculos do estudo das duas universidades, a reforma custará R\$ 3,3 milhões, a preços de dois anos atrás. Vez ou outra aparece um empresário fazendo uma proposta mais barata. Na semana passada, o pároco atendeu um que lhe ofereceu um abatimento de quase R\$ 1 milhão pela execução do serviço, mas cadê o dinheiro? "O que recebemos aqui vem de donativos e dos souvenirs. Não tenho feito outra coisa desde que cheguei aqui a não ser lutar pelo patrimônio que é da igreja, mas é bem mais da cidade e do mundo".

Fotos: José Varella/CB

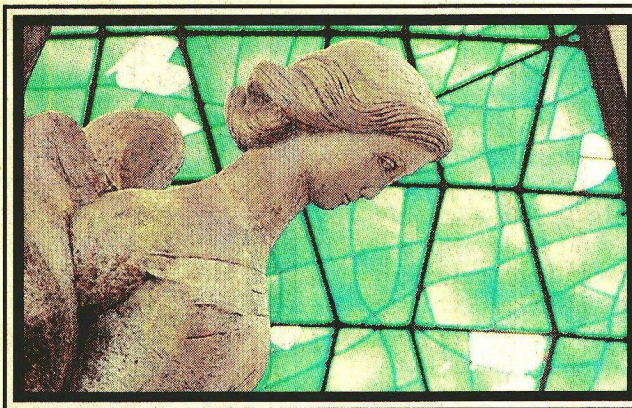


Catedral

Fé e descaço na igreja projetada por Oscar Niemeyer: buracos e rachaduras nos vitrais enfeiam o cenário mais visitado da capital do Brasil



Arte crucificada: rombo sobre o Cristo revela o desmazelo com a obra assinada pela artista plástica Marianne Peretti



Pecado atrás do anjo: vitral quebrado próximo da famosa escultura do mineiro Alfredo Ceschiatti, morto em 1989

APELO A OSCAR E MARIANNE

Monsenhor Marcony apela agora para o arquiteto Oscar Niemeyer, autor do projeto, e para a autora do painel, a artista plástica Marianne Peretti. "Temos o maior respeito e admiração pelo doutor Oscar e pela dona Marianne. Nada faremos sem a autorização deles dois, mas eles bem que poderiam usar seu espaço junto à mídia e sua credibilidade para tentar conseguir alguém que faça a reforma". Procurados ontem pela manhã e à tarde, por telefone, os dois não foram encontrados para comentar a sugestão do monsenhor.

O pároco da Catedral já se acostumou a ver a cara de espanto e de decepção dos turistas. "Nos dias da cúpula (de países árabes e da América do Sul), vi muito árabe olhando para cima e fazendo comentários que não pareciam agradáveis. Como explicar a eles que, na cidade que é patrimônio cultural da humanidade, a Catedral está com os vitrais caindo sobre nossas cabeças". Triste tarefa a do padre: como explicar que os brasileiros constroem uma cidade modernista, fazem novas obras ao lado das antigas, mas não cuidam do patrimônio já construído?

Não são apenas pedaços de vidros coloridos que despencam lá de cima. Os pássaros que entram pelos buracos para dentro da nave sobrevoam os anjos de Alfredo Ceschiatti e despejam outro tipo de sujeira. Ontem pela manhã, podia-se ver nódos de cocô de passarinho no chão branco da igreja.

Nem a Defesa Civil nem o Corpo de Bombeiros tiveram ainda a preocupação de avaliar os riscos dos vitrais para fiéis e turistas. O monsenhor Marcony imagina que, caso eles considerem que os frequentadores da igreja correm perigo, pode-se pensar num toldo, como aqueles das construções. "O que será ainda mais vergonhoso. Não quero nem pensar nisso", diz o pároco.

A 2.121 quilômetros da capital do país, a artista plástica Marianne Peretti, 73 anos, tem tido notícias da destruição contínua e inestancável de sua obra. Decidiu não voltar à cidade enquanto os vitrais da Catedral não forem recuperados. Se é que algum dia isso vai acontecer. "Dois embaixadores da França vieram me visitar e me contaram, espantados, do descalço completo com os vitrais. É deplorável. Fico muito chateada. Por que ninguém faz nada, por que uma grande empresa não paga essa reforma, é propaganda para eles", sugere Marianne, em conversa por telefone de sua casa em Olinda (PE), na quarta-feira à noite.

Tanto quanto uma obra de arte, os vitrais da Catedral são o produto de muito esforço físico e de terríveis dores na coluna. Em 1977, Marianne Peretti, então com 45 anos, passava dias inteiros debruçada sobre o chão do ginásio Nilson Nelson desenhando os vitrais em escala natural sobre uma extensão de 2 mil metros quadrados de papel que iam sendo emendados por dois auxiliares, em formatos de 30 metros de altura por 10 metros da base do triângulo. Feito o primeiro rascunho, Marianne reproduziu o desenho, com as mesmas proporções, para corrigir eventuais erros. Como era uma tarefa que lhe produzia enormes desconfortos físicos, a artista passava de 15 a 20 dias em Brasília, parava uma semana, ia ao Rio, e voltava para continuar a empreitada.